

# USO DE *SMARTPHONES* NAS AULAS DO ENSINO MÉDIO A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS ALUNOS

SILVA, Nayara Stefanie Mandarino<sup>1</sup>

**Resumo** - Considerando o crescente número de usuários de *smartphones* nas instituições de ensino, o objetivo deste artigo é analisar como os alunos do terceiro ano do Ensino Médio de um colégio do estado de Sergipe usam *smartphones* e como acreditam que esses dispositivos devem ser utilizados nas aulas. Esta é uma pesquisa qualitativa caracterizada como estudo de caso de cunho analítico-interpretativo, cujos dados foram coletados por grupo focal com cinco alunos em março de 2020. Conclui-se que os alunos usam celulares na sala de aula para fins de entretenimento e comunicação. No entanto, eles acham que a utilização deveria servir propósitos educacionais.

**Palavras-chave:** *Smartphones*. Aulas. Ensino Médio. Grupo focal.

## Introdução

O número de usuários de *smartphones* (ou celulares inteligentes) no Brasil tem crescido desde 2010, principalmente devido ao Programa Nacional de Banda Larga (PNBL), que objetivou elevar a quantidade de brasileiros com acesso à internet, como afirma Santaella (2013). O equipamento mais utilizado para acessar a internet é o *smartphone*, chegando ao percentual de 99,2%, como mostram dados do IBGE (2018). Um outro levantamento recente, da Pesquisa Anual do Uso de TI nas Empresas (MEIRELLES, 2019), aponta que há cerca de 230 milhões de *smartphones* em uso no país, o que, numericamente, significa haver mais de um aparelho por habitante. No entanto, não se pode desconsiderar a desigualdade socioeconômica que resulta na falta de acesso, por parte dos mais pobres, à tecnologia digital, que é permeada por relações de poder (JANKS, 2014; JOB DA SILVA, 2019). A questão da exclusão, porém, não apaga as implicações da presença cada vez mais evidente de

---

1 Graduada em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente, cursa Especialização em Docência no Instituto Federal Minas Gerais (IFMG). Além disso, faz parte dos grupos de pesquisa "Núcleo de Estudos de Cultura da UFS" e "Grupo de Pesquisa sobre Políticas Linguísticas e de internacionalização da Educação Superior - GPLIES" e atua na equipe de apoio ao Núcleo Gestor da Rede Andifes Idiomas sem Fronteiras.

*smartphones* nos cotidianos, sendo impossível separar claramente o real do virtual (LÉVY, 2009; SANTAELLA, 2013).

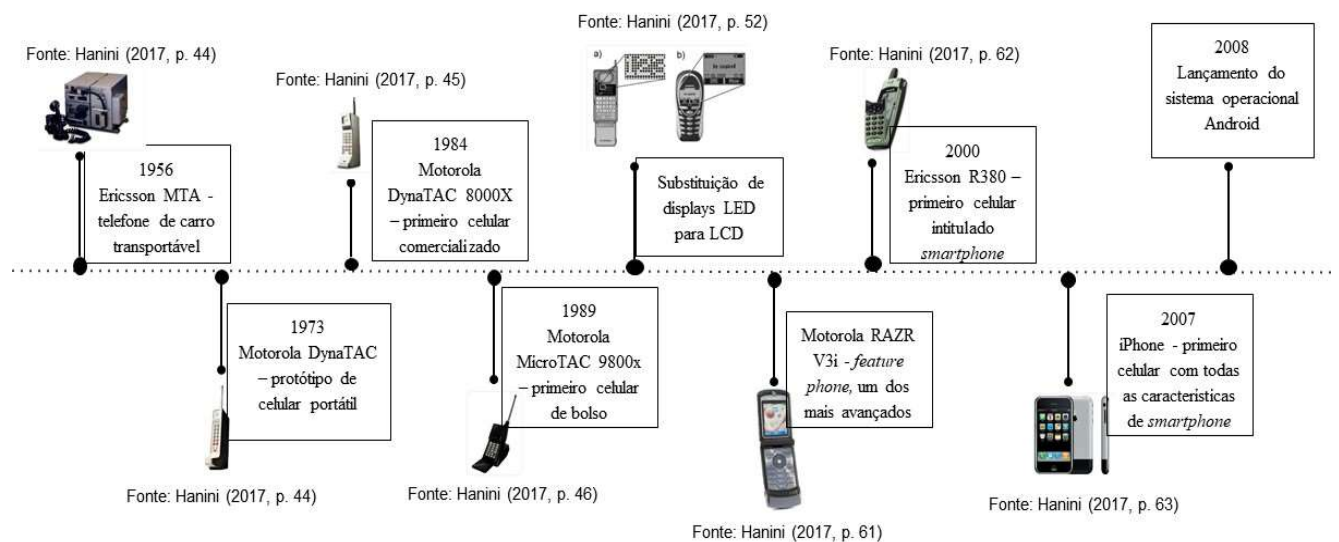
Com a crescente utilização desses aparelhos na sociedade, é inevitável que se amplie também a sua presença em ambientes educativos, como as escolas de Ensino Médio (EM). Considerando esse contexto, o objetivo dessa pesquisa é analisar como os alunos do terceiro ano do EM de um Centro de Excelência do estado de Sergipe usam *smartphones* e como acreditam que esses dispositivos devem ser utilizados nas aulas. Os dados da pesquisa foram coletados por meio da realização de grupo focal (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009; GONDIM, 2002) com alunos no ambiente escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa caracterizada como estudo de caso de cunho analítico-interpretativo (FERREIRA; CALVOSO; GONZALES, 2002; YIN, 2010).

Essa pesquisa se justifica pela necessidade de compreender como os *smartphones* são realmente utilizados (NAGUMO, 2014). Acrescenta-se a isso a tendência, na literatura, de enfatizar *o que pode ser feito* com tecnologia digital na sala de aula, em vez de analisar *como* ela realmente é empregada, como aponta Selwyn (2014). Uma vez notada essa necessidade de compreender como os alunos usam e como acreditam que os dispositivos devem ser utilizados, essa pesquisa busca trazer à tona as perspectivas de alunos do ensino médio, de modo a contribuir com as discussões nesse âmbito e com a compreensão do fenômeno do uso de *smartphones* no ambiente escolar.

Inicialmente, neste artigo, há uma discussão teórica acerca do que define um celular como *smartphone* e do uso de tecnologia digital na sala de aula; também são apresentados, brevemente, resultados de pesquisas que estudaram o (potencial) uso desses celulares em escolas e universidades. No tópico seguinte, a metodologia da pesquisa é explicada, sendo apresentadas informações sobre o contexto e os participantes, considerando a preservação da identidade dos alunos. Além disso, por fins éticos, o nome da instituição de ensino foi omitido para que a identidade dos participantes seja protegida e de forma a evitar constrangimentos (CELANI, 2005). Em seguida, os dados, coletados por meio de grupo focal, são analisados. Por fim, são tecidas algumas considerações.

## Smartphones: (des)usos

Quando foram criados, os celulares realizavam funções básicas, sendo limitados a chamadas de voz e eram muito pesados e grandes. Com o desenvolvimento tecnológico, eles se tornaram cada vez menores e mais leves, além de serem capazes de desempenhar um número crescente de funções, como o acesso a diferentes mídias (HANINI, 2017). A figura abaixo ilustra as principais mudanças pelas quais os celulares passaram, desde o desenvolvimento do primeiro dispositivo aos *smartphones*, que continuam passando por mudanças e se tornando mais sofisticados.



Fonte: Silva (2019, p. 11).

Figura 1 - O desenvolvimento de celulares em ordem cronológica

O primeiro celular móvel deveria estar conectado, necessariamente, a um carro. Um dispositivo portátil foi desenvolvido na década de 70, mas foi comercializado somente a partir de 1984, tomando dimensões globais apenas a partir de 1990. No Brasil, especificamente, os telefones móveis passam a ganhar espaço a partir de 1955, de acordo com Lucena, Santos e Pereira (2020).

O primeiro celular intitulado *smartphone* surgiu nos anos 2000; porém, de acordo com Hanini (2017), foi lançado, somente em 2007, um celular com todas as características de um *smartphone*. Este é definido aqui como um dispositivo móvel, portátil e híbrido (LEMOS, 2013). Além disso, ele é considerado

um celular com capacidades avançadas, que executa um sistema operacional identificável que permite a extensão de suas funcionalidades, por meio de aplicativos externos [...]. De acordo com essa definição, *smartphones* devem incluir *hardware* sofisticado com: a) capacidade de processamento avançada [...], b) capacidades de conectividade múltiplas e rápidas [...], c) tamanho de tela adequadamente limitado (THEOHARIDOU; MYLONAS; GRITZALDIS, 2012, p. 443-444, nossa tradução)<sup>2</sup>.

Conectados à internet sem fio, os *smartphones* possibilitam a ubiquidade, definida por Santaella (2013, p. 16) como “a habilidade de se comunicar a qualquer hora e em qualquer lugar”. O acesso à informação, nesse sentido, é facilitado e pode acontecer em diversos momentos, inclusive na sala de aula, o que se apresenta como um desafio para professores. Ao passo em que podem pesquisar algo relacionado a aula, os alunos podem também acessar às redes sociais, trocar mensagens com amigos etc.; tudo depende da maneira como eles decidem usar (ou não) seus *smartphones*.

Como Nagumo (2014) explica, algumas pesquisas defendem que esses dispositivos contribuem com a desconcentração dos alunos nas atividades escolares. Não é raro se deparar com esse tipo de afirmação quando se trata do uso de *smartphones* no ambiente escolar, não apenas por parte dos professores, como dos próprios alunos. No entanto, “não podemos separar o mundo material — e menos ainda sua parte artificial — das ideias [*sic*] por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam” (LÉVY, 2009, p. 20). Isso significa dizer que atribuir um sentido único ao *smartphone*, somente uma função (a de entretenimento ou distração) não é apropriado, pois o dispositivo é usado para servir propósitos de seres humanos. Apesar de depender de como é utilizado, modos de uso já estão consolidados socialmente ao nos conscientizarmos acerca de um dispositivo tecnológico.

Os *smartphones* também possibilitam a convergência de mídias. Jenkins (2009) argumenta que, apesar de as tecnologias de distribuição, como CDs e DVDs, serem substituídas, as novas e antigas mídias continuam existindo e interagindo, não estando ligadas a uma única forma de transmissão. É possível acessar diversas mídias com um *smartphone*, mas as funções culturais, sociais e mercadológicas delas são ressignificadas. Um aspecto do que Jenkins (2009) chama de cultura da convergência é a participação coletiva, que redefine as relações de poder entre consumidores e usuários, dado que o desenvolvimento de conteúdo deixa de ser restrito a um pequeno grupo de produtores e passa a ser realizada também por

---

<sup>2</sup> As traduções neste artigo são responsabilidade da autora.

usuários, que são cada vez mais participativos. A relação com as mídias deixa de ser apenas de consumo, mas de produção, transformação e ressignificação.

A utilização das tecnologias digitais, ainda, tem afetado tanto o aprendizado quanto as formas de ler, de acordo com Santaella (2013). A autora fala sobre três tipos de leitores: o contemplativo ou meditativo, consumidor dos livros impressos; o movente, pós Revolução Industrial, que interpreta o mundo em sua dinâmica, sempre em movimento, observando imagens, sons, sinais, linguagens; e o imersivo, que se relaciona nas e por meio das redes de informação e comunicação. Esse leitor “é imersivo porque, no espaço informacional, perambula e se detém em telas e programas de leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis” (SANTAELLA, 2013, p. 271). A pesquisadora, então, explica o surgimento de um quarto tipo de leitor, o ubíquo. Este se situa complexamente nos mundos virtual e físico, o que repercute em diversos âmbitos da sua vida. Responde-se multiplamente, nesse sentido, a estímulos, ocasionando o desenvolvimento de capacidades multitarefas.

No que diz respeito à aprendizagem, Santaella (2013, p. 292-293) afirma que

À medida em que a evolução tecnológica foi se tornando mais personalizada, centrada no usuário, móvel, em rede, ubíqua e durável, a aprendizagem foi se tornando igualmente mais individualizada, centrada no aprendiz, situada, colaborativa e ubíqua [...]. Por permitir um tipo de aprendizado aberto, individual ou grupal, que pode ser obtido em quaisquer circunstâncias, a era da mobilidade inaugurou esse fenômeno inteiramente novo: a aprendizagem ubíqua.

Esse tipo de aprendizagem se difere de outros por ser caótico, espontâneo e informal. Desse modo, ele depende totalmente das vontades/necessidades dos sujeitos, que estudam o que desejam, quando e onde querem, de forma assistemática. A aprendizagem ubíqua ganha crescente espaço nas vidas das pessoas e, assim como acontece(u) com tecnologias, encontra resistência nos ambientes escolares.

Apesar de fazer parte do cotidiano de muitos alunos, o uso de *smartphones* é tratado com uma postura de rejeição, sendo, muitas vezes, proibido por instituições de ensino. Nas palavras de Paiva (2015, p. 21),

o homem está, irremediavelmente, preso às ferramentas tecnológicas em uma relação dialética entre a adesão e a crítica ao novo. O sistema educacional sempre se viu pressionado pela tecnologia, do livro ao computador, e faz parte de sua história um movimento recorrente de rejeição, inserção e normalização.

Com a normalização, a tecnologia se faz invisível, no sentido de que sua presença se torna tão natural, que deixa de ser percebida. Como será possível perceber no quarto tópico deste artigo, referente à análise dos dados, o colégio no qual a pesquisa foi realizada se encontra no estágio de rejeição com relação a *smartphones*, dado que o uso do aparelho é proibido no ambiente escolar.

Ainda acerca das tecnologias digitais no ambiente escolar, Sibilia (2020) recorre a Foucault para discutir dificuldades com relação a integração desses dispositivos. Ela explica que a escola se pauta no modelo de uma prisão, assim como outras instituições, baseando-se no confinamento, as tecnologias digitais invadiram o espaço da escola e “em vez da prisão – com suas grades e cadeados, normas estritas e punições severas –, teríamos cada vez mais como modelo universal uma rede eletrônica aberta e sem fios, à qual cada um se conecta por livre e espontânea vontade: apenas onde, quando e se o quiser” (SIBILIA, 2020, p. 31). O que a autora detecta é uma crise, uma vez que as práticas da escola tradicional não funcionam mais para ‘disciplinar os corpos’ dos alunos. Nesse sentido, ela aponta os desafios que a escola enfrenta em meio a essa crise e ao crescente uso de tecnologias na sala de aula. Primeiro, os dispositivos podem se configurar em formas de fugir da ‘prisão’; sua proibição, porém, não é eficaz, sua permissão, por outro lado, requer que os alunos sejam ensinados a lidar com essas ferramentas. Para tanto, os professores precisam estar preparados e desconstruir a ideia de transmissão de conhecimento, em que ocupa posição central de detentor do saber. Além disso, a conexão às redes transforma tempo e espaço, usados nas escolas para marcar a presença do aluno na aula – por exemplo, estudar no segundo ano do ensino médio implica que, de segunda a sexta, em determinado horário, os alunos estarão em um determinado espaço para participar das aulas, que também são organizadas de acordo com o tempo. Surge, então, um questionamento: “quando o tempo e o espaço se tornam caóticos, é preciso desenvolver estratégias ativas para intervir nessa desordem em busca de coesão e pensamento: um trabalho permanente para evitar que tudo se dissolva. Estará a escola em condições de assumir tamanho compromisso?” (SIBILIA, 2020, p. 38). Desse modo, a integração das tecnologias digitais na sala de aula requer não somente o incentivo ao seu uso no ambiente escolar aliado à formação dos professores, requer que a escola seja repensada e transformada.

A proibição, permissão ou integração de *smartphones* na sala de aula tem implicações e demandam discussões pautadas em pesquisas. Na literatura, diversos estudos se debruçam

sobre essa temática. Vázquez-Cano e Calvo-Gutierrez (2015), por exemplo, argumentam que, em vez de proibidos, os *smartphones* devem ser integrados ao cotidiano escolar, de forma contextualizada e contribuindo com o desenvolvimento de habilidades necessárias para a navegação no cibermeio. Similarmente, a pesquisa de Gómez e Castillo (2019) demonstra que a incorporação do dispositivo nas aulas contribuiu com a melhora nas relações aluno-aluno. Nessa direção, Rockembach e Garré (2018) exploram as potencialidades do trabalho com o aplicativo *WhatsApp Messenger*, que, no caso de aulas de Química, resultou na aproximação dos alunos com o conteúdo. Outros estudos, ainda, se alinham ao argumento em favor do uso de *smartphones* na sala de aula, como Conforto e Vieira (2015) e Dantas e Oliveira (2020).

Por outro lado, Gruschka e Zuin (2020, p. 199) afirmam que o uso massivo dos *smartphones* está contribuindo com o declínio da autoridade dos professores na sala de aula, uma vez que muitos vídeos, filmagens de alunos, mostram os professores “em situações humilhantes e vexatórias”.

Cabe mencionar, além dessas, as pesquisas que compreendem os *smartphones* como ferramentas que podem ter resultados positivos ou negativos, dependendo de como são utilizados (REINALDO *et al.*, 2016; RESENDE; BELIZÁRIO, 2019).

Por fim, há a pesquisa de Vázquez-Cano e Sevillano (2015, p. 130) que estuda, assim como este artigo, como os *smartphones* são realmente utilizados. Os autores, com uma amostra de 886 alunos universidades espanholas e hispano-americanas, concluem que o dispositivo é utilizado “para troca de informação acadêmica, coordenação de trabalhos grupais e consulta de serviços universitários”. A pesquisa de Boa Sorte, Silva e Carvalho (2020, p. 2), também realizada no contexto universitário, aponta que “a maior parte dos alunos pesquisados utiliza *smartphones* tanto para fins acadêmicos, quanto para entretenimento. As regras e consequências da sala de aula, porém, desmotivam o uso dos dispositivos por estarem relacionadas a punições”. Foi notada, portanto, a relação entre o posicionamento dos professores com relação ao uso desses celulares e a utilização em si, por parte dos alunos. Apesar de as punições desmotivarem o uso, elas não o interrompem por completo.

A pesquisa abordada neste artigo foi realizada em um contexto diferente: um colégio de ensino médio; os resultados, no entanto, são similares aos encontrados em Boa Sorte, Silva e Carvalho (2020), conforme é discutido no tópico referente aos resultados. No tópico a seguir, a metodologia utilizada nessa pesquisa é explicada.

## Metodologia

Este artigo trata de uma pesquisa qualitativa, pois visa ao estudo de um contexto específico para compreender como um fenômeno ocorre (FERREIRA; CALVOSO; GONZALES, 2002). Ela é caracterizada como estudo de caso, de cunho analítico-interpretativo (YIN, 2010, p. 32) porque diz respeito à investigação de um fenômeno contemporâneo – a utilização de *smartphones* nas salas de aulas do EM, em um Centro de Excelência; está inserida em um contexto da vida real – as aulas de professores do colégio; e “os limites entre o fenômeno [uso de *smartphones*] e o contexto [salas de aula] não estão claramente definidos”.

Para a coleta de dados, foi utilizada a técnica de grupo focal em que há “coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador” (GONDIM, 2002, p. 151). Os participantes da pesquisa são alunos do EM de um Centro de Excelência do estado de Sergipe, que está localizado em um bairro de classe de baixa renda. Os estudantes foram selecionados aleatoriamente, com base em sua disponibilidade para contribuir com o estudo. Contou-se com o auxílio da professora de língua inglesa, que perguntou em suas aulas quem poderia e gostaria de participar dos grupos focais, deixando claro que era opcional e que eles poderiam desistir a qualquer momento. No total, cinco alunos (quatro meninos e uma menina) de diferentes turmas do terceiro ano do EM concordaram em contribuir com a pesquisa. O grupo focal foi desenvolvido na biblioteca da escola, tendo em vista que era necessário estarmos em um ambiente silencioso, em março de 2020.

Para a mediação da discussão durante o desenvolvimento do grupo focal, foram consideradas algumas questões que são reproduzidas a seguir: os alunos usam celulares na sala de aula? Por quê? Para que eles acham que os *smartphones* devem ser utilizados (no ambiente escolar)? Os professores já solicitaram que eles usassem os celulares nas aulas? O que os alunos pensam sobre isso? Vale ressaltar, no entanto, que não se trata de uma entrevista, que enfatiza respostas individuais; diferentemente, os grupos focais proporcionam, de acordo com Abreu, Baldanza e Gondim (2009, p. 8), “uma interação grupal que faz com que os participantes discutam e manifestem suas opiniões trazendo à tona uma gama de dados [...] que revelem pontos de consenso e dissenso, fundamentais para dar resposta às indagações da pesquisa”.



Toda a discussão foi gravada e transcrita. A orientação desse grupo focal é voltada a aplicações práticas, dado que o foco está no uso dos *smartphones* nas práticas de sala de aula. Ainda, de acordo com as modalidades explicadas por Gondim (2002), trata-se de um grupo focal clínico, pois visa à análise de crenças, comportamentos e identificações.

## **Resultados e discussão**

Ao tratar das habilidades e discussões consideradas importantes tanto para o EM, foco deste artigo, quanto para o Ensino Fundamental, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018) enfatiza a necessidade de preparar os alunos para viver e atuar em um mundo que é marcado pela integração de tecnologias digitais. As aulas, como coloca o documento, devem promover o pensamento computacional e o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos referentes ao mundo e a cultura digital, o que inclui o uso de *smartphones*.

Quatro dos cinco alunos que participaram da pesquisa afirmaram levar os aparelhos celulares para a escola; o que não o faz, explicou que tem medo de perder o dispositivo e que não quer se desconcentrar das aulas. Nagumo (2014) reporta que estar com o celular ocasiona uma sensação de segurança em jovens de 18 a 25 anos, pois eles podem entrar em contato com alguém que confiem quando acharem necessário. Com o participante que não leva o dispositivo para escola, o efeito de sair com ele parece ser oposto, de insegurança, pois ele tem medo de perdê-lo, o que pode estar relacionado aos índices elevados de furto na região em que o colégio fica localizado. Esse mesmo participante, no entanto, assim como os outros, afirma utilizar o *smartphone* para estudar em casa. Como afirma Nagumo (2014, p. 5), “os alunos incorporaram naturalmente seus próprios celulares nas suas práticas de estudo, explorando as várias funcionalidades em diferentes atividades curriculares, realizadas dentro e fora da sala de aula, de forma individual e colaborativa”. Podem estudar, inclusive, pela perspectiva da aprendizagem ubíqua (SANTAELLA, 2013), anteriormente discutida neste artigo.

Ao discorrer sobre a utilização de *smartphones*, os alunos destacaram que há pontos negativos e positivos. O ‘bom’ uso do aparelho diz respeito a ações que visam contribuir ou facilitar as atividades pedagógicas. Como exemplo, os participantes mencionam o uso de PDFs, em substituição a folhas de papel – o que contribui com o meio ambiente, já que evita o

desmatamento de árvores para a produção de papel, de acordo com os alunos. O lado “negativo” do dispositivo é visto pelos alunos como o prevalente.

**Aluno 2:** o celular não é bem visto em si, é tanto que a escola proíbe, só que como os alunos não vão ficar sem o celular, então não pode haver esse controle totalmente, então a escola libera certas partes. Mas eu acho que, às vezes, desfoca demais da aula, fica escut... não escutando música em si, mas sim prestando atenção em coisas que não tem nada a ver com a aula, vídeos e etc., WhatsApp, entendeu?

**Aluno 1:** Eu acho também porque o celular [concordando com o Aluno 4] pode tirar o foco do aluno na aula. Também eu posso distrair e acabar desfocando do que, do real propósito da escola, de você receber os conteúdos. (trechos das falas dos participantes).<sup>3</sup>

Os participantes associaram o uso de *smartphones* a entretenimento e distração, que são colocados como opostos a aprendizagem e podem impedir que ela ocorra. O Aluno 1 ainda acrescenta que o objetivo da escola é garantir que os alunos “recebam os conteúdos”. Essa concepção do processo de ensino-aprendizagem é denominada, por Paulo Freire (1987), educação bancária. De acordo com ela, os alunos são receptores passivos de conteúdo, como depositários, e os professores, por sua vez, seriam os depositantes. Nesse sentido, o modelo de aula é aquele em que o professor explica os assuntos e os alunos permanecem sentados e em silêncio, enquanto absorvem tudo o que ouvem. O *smartphone* é visto como problemático porque faria o aluno colocar sua atenção em outro lugar, interrompendo a transmissão de informações. O que fica evidente nas falas dos participantes é que eles entendem o celular como sendo o culpado pela distração e conseqüente decadência do aprendizado, tanto que concordam com a proibição do uso, por parte da escola e dos professores. Eles chegam a comparar a utilização de *smartphones* ao vício em drogas, conforme os trechos abaixo.

**Aluno 1:** eu acho que isso já é algo que enraizou no século que a gente vive. A tecnologia já tá com uma grande raiz na gente e as pessoas cada vez mais tão dependentes disso pra receber informação e ter o próprio entretenimento no celular.

**Aluno 2:** Até mesmo questão de, quando a pessoa tá muito... né... viciada em si no celular... né... e larga por um tempo, ela vai ter crise de abstinência em si pra querer voltar... né, sem. (trechos das falas dos participantes).

É atribuída ao *smartphone*, uma vilania que não somente prejudica o aprendizado, principalmente dos que irão prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como os

---

3 Os trechos de falas dos participantes foram mantidos da maneira como foram transcritos, buscando-se fidelidade ao texto oral.

alunos colocam, mas também que causa vícios, afetando a saúde dos usuários. Um dos participantes (Aluno 3) ainda afirmou que os celulares causam sedentarismo porque as pessoas não precisam mais sair de casa ou se locomover para realizar tarefas da rotina, como pagar contas e fazer compras. Eles parecem entender esse aspecto como algo negativo. Selwyn (2014, p. viii, minha tradução) explica que a tecnologia digital não pode ser colocada como vilã ou como heroína no contexto educacional porque ela

precisa ser entendida profundamente como um assunto político – um local de constante conflito e luta entre diferentes interesses e grupos. Nesse sentido, o uso educacional de tecnologia digital não tem um ‘verdadeiro’ significado ou ‘potencial’ inerente que algumas pessoas são mais capazes de enxergar do que outras. Pelo contrário, o uso educacional de tecnologia digital tem que ser visto como uma questão ideologicamente definida.

O autor explica que a tecnologia digital é uma ferramenta e, por isso, depende de como será utilizada para servir interesses e propósitos (que são sempre ideológicos).

Apesar de verem o celular como problemático, os alunos afirmaram preferir aulas em que ele é usado. Eles destacam, porém, a necessidade de controle que, segundo eles, deveria ocorrer por meio do bloqueio de alguns sites e aplicativos – os relacionados a entretenimento, como Facebook, Instagram e Twitter – e a permissão dos sites criados para fins educativos. Além desse controle, os participantes ressaltaram que os alunos devem “ter consciência” e obedecer ao que os professores e direção mandam; logo, se eles proíbem o uso de celulares, todos devem cumprir a ordem. Os participantes atribuem potenciais ‘positivos’ e ‘negativos’ a sites e aplicativos, que são vistos como inerentemente bons ou ruins. Eles ainda parecem preferir a proibição, do que tomar a decisão de não usar. Percebe-se que os alunos buscam que, de alguma forma, os muros da escola sejam transpostos para o ambiente virtual, por meio da delimitação dos espaços pelos quais eles podem transitar. Os alunos parecem argumentar em favor da manutenção da escola como prisão na perspectiva foucaultiana, “com suas grades e cadeados, normas estritas e punições severas” (SIBILIA, 2020, p. 31).

Um dos alunos (Aluno 3) ainda afirma que usa o celular para jogar, o que, no contexto brasileiro, é algo comum, conforme Job da Silva (2019). Todos os participantes concordaram que não há problema em usar o *smartphone* durante o intervalo, por se tratar de um momento de descontração. Na aula, porém, a utilização não deve ocorrer por atrapalhar a concentração. Nota-se que são atribuídos significados diferentes ao mesmo dispositivo fora da escola; apesar

de usarem o celular para estudar em casa, eles parecem entender que isso não é possível na aula, onde o dispositivo se torna sinônimo de entretenimento.

A aluna 5 ainda afirma que consegue entender melhor os assuntos que estuda na escola quando assiste videoaulas em que outros professores os explicam.

**Aluna 5:** eu estudo em casa pro ENEM, então, tipo, tem aplicativos que são muito bons e tem conteúdos depois do vídeo, pra ajudar nas questões e eu acho que na sala de aula, os professores podiam fazer isso, tipo, já que eu não tô conseguindo entender aquela explicação dele, poderia passar um videozinho pro aluno entender melhor e aí fazia, tipo, umas contas e ajudava o aluno ali. Então, eu acho que seria mais fácil pra entender porque tem professores que, tipo, ele explica e pode explicar mil vezes, mas as vezes a maneira que ele explica, o aluno não entende e tem professor da internet que você entende em questão de minutos uma coisa que você não entendeu em o que? Vamos supor um mês. (trecho da fala da participante).

Ela sugere que seus professores exibam videoaulas de explicação do assunto que estão aprendendo e, então, peça que os alunos respondam atividades para praticar o conteúdo. Ela entende a explicação do “professor da internet” como mais eficiente, quando, na verdade, não há diferença significativa entre a metodologia de ensino na sala de aula ou a que ela experiencia on-line. Em ambos os casos, o ensino ocorre pela exposição do aluno à explicação e posterior realização de exercícios, em uma perspectiva behaviorista, segundo a qual o sujeito aprende ao ser exposto ao mundo. No caso da aula, o aluno aprende tudo o que o professor ensina, em uma transmissão direta de conhecimento (BECKER, 2001). Para a aluna, desse modo, o “professor da internet” transmite o assunto melhor; por isso, ela aprende melhor.

Sua preferência pela aprendizagem on-line pode, ainda, ser explicada pelo surgimento de um novo fenômeno: a aprendizagem ubíqua que, de acordo com Santaella (2013), é mais individualizada e personalizada para se adequar ao perfil do usuário, conforme foi discutido no segundo tópico deste artigo. Nesse sentido, a aprendizagem é controlada pelo aluno que busca o conhecimento por vontade própria, no momento em que decidir. A participante da pesquisa, dessa maneira, pode preferir a videoaula porque ela pode escolher se e quando ela quer ver o vídeo, além de escolher que assunto ela quer aprender e personalizar todo o processo para que ele seja agradável a ela. Diferente do que ocorre na escola, onde ela deve estar por um período de tempo determinado, todos os dias, de segunda a sexta, para aprender assuntos sobre os quais ela teve pouca ou nenhuma escolha, em aulas estruturadas e preparadas por outra pessoa.

Os participantes ainda discutem a presença dos *smartphones* em diferentes contextos da vida e ressaltam o papel da escola com relação a essa realidade.

**Aluno 4:** e é bom que a gente vai se habituando em si, né, a trabalhar com o celular, né?! Porque não só levar o celular na brincadeira em si, mas sim trabalhar, né. Porque isso a gente vai levar pra vida toda, nosso celular não vai ser só pra brincadeiras, não. A gente chega no terceiro ano, as brincadeiras já acabaram em si, né?! Nosso celular, é, futuramente, uma pessoa que ele é empresário, ele vai necessitar o celular dele pra fazer coisas que o empresário faz no dia a dia. Então, é muito legal [incorporar o *smartphone* a aula] porque a gente já vai se habituando e nisso, né, em si, a trabalhar com o celular, né.

**Aluno 1:** acho que eu preferia uma aula em que ele usasse, mas que conscientizasse os alunos a usar de maneira consciente. Pela situação do nosso mundo, um simples, uma simples ajudazinha já tem reflexo. (trechos das falas dos participantes).

Os alunos reconhecem que a escola tem o papel de prepará-los para usar o celular de outras formas, além de apenas para fins de diversão, uma vez que esse dispositivo já faz parte de rotinas de trabalho, por exemplo. O Aluno 1 ainda fala sobre a importância de ensinar os alunos a usarem o celular “de maneira consciente”. Os participantes, portanto, reconhecem que é necessário haver, por parte da escola, uma educação que os leve a usar o *smartphone* para outros fins, senão os de entretenimento, de uma forma crítica. O Aluno 1 também aborda a desigualdade com relação à distribuição de dispositivos tecnológicos.

**Aluno 1:** eu acho que também a tecnologia acaba chegando, mas não acaba chegando como deveria. Acho que em colégios com melhores condições acaba chegando com mais força, de tipo, ter mais aparatos tecnológicos pra os alunos se envolverem melhor com tecnologia. E estamos necessitando também de um maior envolvimento da tecnologia no ensino (trecho da fala do participante).

O aluno percebe que, se a escola dispusesse de mais aparatos tecnológicos, como outras instituições mais privilegiadas economicamente, seria possível realizar um trabalho mais eficiente e eficaz. O participante traz à tona a discussão referente ao modo como a tecnologia pode potencializar a inequidade social, uma vez que o acesso não ocorre igualmente entre pessoas de realidades socioeconômicas diferentes e essa realidade acaba favorecendo grupos mais privilegiados, ao passo que desfavorece grupos minoritários (BOA SORTE, VICENTINI, 2020).

## Considerações finais

Essa pesquisa, apesar de não poder ser generalizada, dado o número limitado de participantes, apresenta resultados significativos no que diz respeito ao modo como *smartphones* são utilizados por alunos do EM de uma escola pública. Com relação às perguntas que esse estudo visa responder, percebe-se que os alunos usam celulares na sala de aula para fins de entretenimento, como o acesso a redes sociais e para comunicação. No entanto, eles acham que a utilização deveria servir propósitos educacionais, com a economia de papel e o envio de apostilas em versão PDF. Esse foi o relato de uso, por parte dos professores, que os alunos explicam ter experienciado e ao qual atribuírem características positivas, destacando a praticidade e rapidez que os *smartphones* proporcionam. Cabe ressaltar que as experiências de uso na sala de aula colaboram com o entendimento dos alunos sobre o assunto. Isso significa que a postura dos professores com relação aos dispositivos afeta o que os alunos entendem como ‘bom’ ou ‘mau’ uso do celular.

Os alunos ainda ressaltam o papel da escola em prepará-los para usar os dispositivos de forma mais utilitária e consciente, mas reconhecem que a falta de recursos da escola dificulta um trabalho nessa perspectiva. Vale retomar que a pesquisa foi realizada em um Centro de Excelência do estado de Sergipe, o que implica que o colégio recebe mais recursos do que outros que não dispõem do mesmo título. Mesmo um Centro de Excelência enfrenta as dificuldades de falta de recursos tecnológicos que, de fato, se apresenta como um desafio para o trabalho com tecnologias digitais. Porém, isso não significa que ele é impossível, ainda mais quando consideramos que muitos alunos têm acesso a *smartphones*.

O grupo focal de cinco alunos concordou em todas as opiniões colocadas, o que mostra a unanimidade de pensamento do grupo com relação ao tema. Os participantes entendem que há potenciais inerentes a sites e aplicativos, além de defenderem o controle/proibição (apesar de reconhecerem sua ineficácia, dado que os alunos continuam usando os dispositivos), como forma de evitar o uso, que os prejudica nas aulas, já que os alunos se voltam ao entretenimento. Com isso, eles se isentam de responsabilidade no que diz respeito a utilização de *smartphones*, delegando-a a professores e direção da escola. No entanto, não é a ferramenta (a tecnologia digital) que define se uma experiência será ‘boa’ ou ‘ruim’, mas o modo como ela é usada. Logo, os alunos devem assumir responsabilidade por suas escolhas, reconhecendo que interesses e ideologias as perpassam. À escola cabe o papel

de despertar o pensamento crítico dos alunos, para que eles utilizem os *smartphones* de forma consciente e responsável.

## USE OF SMARTPHONES IN HIGH SCHOOL CLASSES: A STUDY BASED ON FOCAL GROUP

**Abstract** - Considering the growing number of smartphone users in teaching institutions, this paper aims to analyze how students in the third year of High School in an Excellence Center located in Sergipe use smartphones and how they believe these devices should be used in classes. This research used the focal group technique with five participants in March 2020 and is qualitative, characterized as a case study - analytical-interpretative. The conclusion indicates that students use cellphones in the classroom for entertainment and communication. However, they think that the use should serve educational goals.

**Keywords:** Smartphones. Classes. High School. Focal group.

### Referências

ABREU, N. R.; BALDANZA, R. F.; GONDIM, S. Os grupos focais on-line: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. **Journal of Information Systems and Technology Management**, v. 6, n. 1, p. 05-24, 2009.

BECKER, F. **Educação e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC, versão de novembro de 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 19 ago. 2019.

BOA SORTE, P.; SILVA, N. S. M.; CARAVALHO, C. B. de. Smartphones in higher education classrooms: motivations, rules, and consequences. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 36, e230155, p. 1-16, 2020.

BOA SORTE, P.; VICENTINI, C. Educating for social justice in a post-digital era. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 39, p. 199-216, jan./jun. 2020.

CELANI, M. A. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 8, n. 1, p. 101-122, 2005.

CONFORTO, D.; VIEIRA, M. C. Smartphone na escola: da discussão disciplinar para a pedagógica. **Latin-American Journal of Computing**, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 43-54, 2015.

DANTAS, A. T. S.; OLIVEIRA, M. T. de. Construção e aplicação de uma sequência didática utilizando o smartphone como recurso tecnológico para o ensino de biologia. **REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 194-210, 2020.

FERREIRA, R. F.; CALVOSO, G. G.; GONZALES, C. B. L. Caminhos da pesquisa e a contemporaneidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 243-250, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GÓMEZ, P.; CASTILLO, H. del. El smartphone como mediador social del alumnado de Educación Infantil. **Revista Cocar**, Belém, n. 7, p.88-108, set./dez. 2019.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 149-161, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2002000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000300004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 10 jan. 2020.

GRUSCHKA, A.; ZUIN, A. A. S. A invasão do smartphone na sala de aula – sobre a autoridade do professor, violência, o privado e o público no ensino. **Revista Devir Educação**, Lavras, v. 4, n. 1, p. 199-221, jan./jun. 2020.

HANINI, R. M. M. E. **A influência do advento dos smartphones na dinâmica de concorrência da indústria de telefonia móvel de 2007 a 2015**. 2017. 80f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pampa, Sant’Ana do Livramento, 80p. 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD Contínua TIC 2018. **Agência IBGE Notícias**, Brasília, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-denoticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-dopais>. Acesso em: 04 ago. 2020.

JANKS, H. **Doing critical literacy: texts and activities for students and teachers**. New York: Routledge, 2014.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JOB DA SILVA, A. C. Entre o letramento em games e a gamificação: as mecânicas em jogo. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 22, n. 4, p. 1221-1235, out./dez. 2019.

LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2013.



LÉVY, P. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

LUCENA, S.; SANTOS, S. V. C. de A.; PEREIRA, J. T. L. Educação em rede com dispositivos móveis: o *smartphone* na sala de aula. In: SALES, M. V. S. (Org.) **Tecnologias digitais**, redes e educação: perspectivas contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 99-113.

MEIRELLES, F. S. **Pesquisa Anual do Uso de TI nas Empresas**, GVcia, FGV-EAESP, 30 ed., 2019. Disponível em: [https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/pesti2019fgvciappt\\_2019.pdf](https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/pesti2019fgvciappt_2019.pdf). Acesso em: 25 abr. 2020.

NAGUMO, E. **O uso do aparelho celular dos estudantes na escola**. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Brasília-UnB, Brasília-DF, 111p. 2014.

PAIVA, V. L. M. de O. e. O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras. In: JESUS, D, M. de; MACIEL, R. F. (Org.). **Olhares sobre tecnologias digitais**: linguagens, ensino, formação e prática docente. Campinas: Ponte Editores, 2015. p. 21-34.

REINALDO, F. *et al.* Impasse aos Desafios do uso de Smartphones em Sala de Aula: Investigação por Grupos Focais. **RISTI**, Porto, n. 19, p. 77-92, set. 2016.

RESENDE, T.; BELIZÁRIO, F. O uso de smartphones na sala de aula e a negociação dos sentidos do aprender e da escola. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, [S.l.], v. 16, n. 43, p. 329-356, 2019.

ROCKEMBACH, G. R.; GARRÉ, B. H. O WhatsApp e os novos modos de aprender dos Jovens na atualidade. **Revista Thema**, [S.l.], v. 15, n. 4, p. 1404-1413, out. 2018.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SELWYN, N. **Distrusting Educational Technology**: critical questions for changing times. New York: Routledge, 2014.

SIBILIA, P. Do confinamento à conexão: as redes infiltram e subvertem os muros escolares. In: SALES, M. V. S. (Org.). **Tecnologias digitais, redes e educação**: perspectivas contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 29-40.

SILVA, N. S. M. **Usos de smartphones por discentes do Departamento de Letras Vernáculas**. Relatório de pesquisa. São Cristóvão, 2019. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/13128>. Acesso em: 15 abr. 2020.

THEOHARIDOU, M.; MYLONAS, A.; GRITZALIS, D. A risk assessment method for smartphones. In: **IFIP International Information Security Conference**. Springer Berlin Heidelberg, 2012. p. 443-456. Disponível em: <https://hal.inria.fr/hal-01518232/document>. Acesso em: 10 mar. 2020.

VÁZQUEZ-CANO, E.; CALVO-GUTIERREZ, E. Adolescentes y cibermedios. Una didáctica basada en aplicaciones periodísticas para smartphones. **Estud. pedagóg.**, Valdivia, v. 41, n. 2, p. 255-270, 2015.

VÁZQUEZ-CANO, E.; SEVILLANO, M. L. y. El smartphone en la educación superior. Un estudio comparativo del uso educativo, social y ubicuo en universidades españolas e hispanoamericanas. **Signo y Pensamiento**, [S. l.], v. 34, n. 67, p. 130-147, 2015.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Ana Thorell. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Recebido em: 28/04/2021

Aprovado em: 20/06/2021